

# Dores foram o primeiro sinal de uma penosa agonia

Brasília — Foto de arquivo — 22/3/85

Os primeiros sintomas da necessidade de operação começaram no dia 12 de março, quando Tancredo Neves anunciou o ministério que escolhera. Durante a entrevista, no auditório da Fundação Getúlio Vargas, ele deu sinais de que sentia dor. Seus assessores mais próximos já sabiam da doença e se preocupavam. No dia 14, Tancredo foi levado às pressas ao Hospital de Base de Brasília, para sofrer a primeira cirurgia.

**12 de março** — A euforia que a proximidade da posse cria faz com que alguns indícios, revelados por Tancredo ao anunciar seu ministério, sejam atribuídos à tensão nervosa. Na entrevista, ele se mostra impaciente, gira os olhos nas mãos, contrai o rosto e dá respostas duras. Em certo instante, parece sentir uma fisgada.

**13 de março** — Contrariando seus hábitos, Tancredo fica na cama até as 10h. Os médicos Francisco Pinheiro da Rocha e Renault de Mattos Ribeiro são chamados. "Ele está com faringite", diz o dr Renault. Ao sair para seu escritório, no prédio da Fundação Getúlio Vargas, Tancredo declara: "Estou bem de saúde, obrigado."

**14 de março** — Tancredo passa quase toda a véspera de sua posse na residência oficial da granja do Riacho Fundo. Sai às 18h para assistir a uma missa no Santuário Dom Bosco e volta para casa. Após o jantar, cai com as mãos apertando o estômago. "Renault, pelo amor de Deus, segure até que eu assino o termo de posse amanhã, que eu prometo sair de lá imediatamente para o hospital. Eu lhe dou um documento isentando-o de qualquer culpa" apela ao médico, tentando adiar a operação. As 22h30min é levado para o Hospital de Base.

**15 de março** — Na madrugada do dia previsto para sua posse na Presidência da República, Tancredo é operado. Os médicos informam ter extraído um divertículo de Meckel de seu intestino. A tarde, pedem que ande no quarto. "Já?", surpreende-se Tancredo. Com bom humor, queixa-se ao clínico Renault de Mattos: "Você me enganou, né?"

**16 de março** — Tancredo recebe o Deputado Ulysses Guimarães no quarto do hospital. "Bastaria vocês registrarem meu aspecto tranquilo e minha expressão sorridente para irem embora", diz Ulysses aos jornalistas, procurando afastar qualquer motivo de preocupação. Dona Risoleta faz um brinde com o Presidente em exercício José Sarney, durante almoço oferecido às delegações estrangeiras convidadas para a posse.

**17 de março** — Sarney preside a primeira reunião do ministério, lê as diretrizes baixadas por Tancredo sintetizadas na ordem "É proibido gastar". Pouco depois da reunião, os ministros acorrem ao Hospital de Base: Tancredo está com paralisia do intestino, tem febre e apresenta manchas de infecção nos pulmões.

**18 de março** — Dona Risoleta diz que Tancredo está "esplêndido". Mas o quadro clínico de Tancredo torna-se crítico. O Governador de Minas, Hélio Garcia, revela que o Presidente passou sua "pior noite". Forma-se uma junta médica, com especialistas vindo do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

**19 de março** — O intestino de Tancredo continua paralisado. Um dos médicos admite a hipótese de uma segunda cirurgia. "Será que eu vou poder carregar o andor na procissão da Semana Santa, em São João del Rei?", pergunta Tancredo a Dona Risoleta.

**20 de março** — Tancredo faz exercícios de fisioterapia e é submetido a uma lavagem intestinal. "Estou me sentindo bem melhor", chega a declarar. À tarde, Dona Risoleta chama o capelão do hospital, padre Novarino: "Venha, que precisamos de Deus." Os médicos decidem fazer a segunda cirurgia. "Rezem por mim", pede Tancredo, antes de entrar, às 16h20min, na sala de cirurgia.

**21 de março** — Durante a madrugada, Tancredo fica a um passo da morte. Seus pulmões se enchem de água e o coração dispara a 180 batidas por minuto. A crise é superada no início da manhã. Ele recebe o neto Aécio Cunha Neves e

pergunta sobre a posse de Sarney e a primeira reunião do ministério.

**22 de março** — O médico Henrique Pinotti faz uma previsão de alta para o dia 27. Alguns ministros chegam a afirmar que Tancredo começaria a exercer o Governo do hospital, usando o telefone e recados escritos.

**23 de março** — Tancredo manda um bilhete a Sarney, elogiando seu comportamento no exercício interino da Presidência. Fala-se em festa de posse, mas os médicos admitem que o intestino de Tancredo ainda não funciona.

**24 de março** — Tancredo volta a receber alimentação oral e toma sopa de legumes, suco de maçã, iogurte e gelatina. E volta também a ter tiradas de bom humor. Ao ver a fisioterapeuta entrar no quarto, aponta: "Aí vem minha sedutora torturadora."

**25 de março** — Tancredo, ao lado de Dona Risoleta e dos médicos, posa para as primeiras fotografias depois das duas cirurgias. "É bom estarmos juntos de novo", diz aos integrantes da junta. Henrique Pinotti recebe um agradecimento, testemunhado pelo primo de Tancredo, Aloísio Neves: "Obrigado, doutor, por ter-me obrigado a fazer a intervenção. O Sr salvou minha vida."

**26 de março** — Na véspera, os médicos entraram em desacordo quanto à data em que Tancredo teria alta. João Batista Rezende, acha necessária uma permanência mais longa no hospital; Pinotti declara que aprontara as malas para voltar a São Paulo. Ele volta, mas acompanhando Tancredo, que tem uma hemorragia no intestino e é internado no Instituto do Coração. Ainda em Brasília, ao saber dos médicos que seria operado pela terceira vez, Tancredo teve uma reação de desalento: "Estou muito cansado, não quero ser operado outra vez." Já em São Paulo, diz a Dona Risoleta: "Fique tranqüila, que vamos sair de mais esta."

**27 de março** — Estanca-se a hemorragia, mas Tancredo apresenta outras complicações, causadas, segundo os médicos, por uma infecção hospitalar trazida de Brasília. Os focos estão localizados no corte das três operações e no pulmão direito, provocados por uma bactéria não identificada.

**28 de março** — Tancredo já não tem mais febre e a taxa de leucócitos no sangue (indicador de infecção) caiu; a radiografia mostrou que o pulmão está limpo; e o intestino volta a funcionar. As suspeitas são de que a bactéria *pseudomonas cepacea* é a causadora da infecção — o que seria depois confirmado pelos exames de cultura.

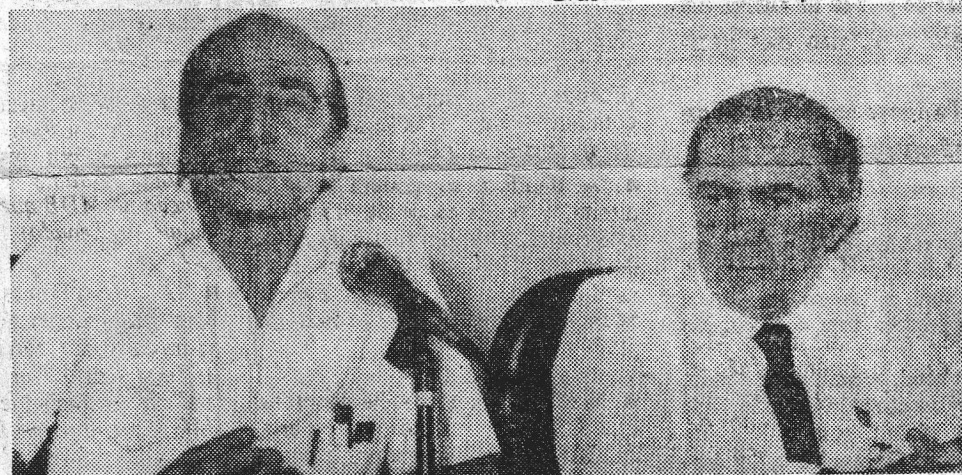
**29 de março** — Depois de uma manhã tranqüila, Tancredo alarma os médicos. À tarde ele volta a ter febre; a pressão arterial e os batimentos cardíacos aumentam. Às 20h, Tancredo supera mais uma crise. Os médicos decidem fazer uma transfusão de sangue, para tratar de uma anemia que se manifestara ainda em Brasília, e reforçam as doses de antibióticos.

**30 de março** — Finalmente, um boletim otimista: a fase crítica está superada. Com a alimentação oral restabelecida, Tancredo recebe a filha Maria do Carmo e, ao vê-la de chapéu e luvas, faz um elogio: "Como você está elegante!"

**31 de março** — Os médicos anunciam que a infecção está regredindo. Eles recebem uma ordem de Tancredo: "Quero que a nação saiba toda a verdade sobre o que está acontecendo aqui". Em seguida, pergunta: "Quando saio daqui?" Tancredo revela sua preocupação com o dia 1º de maio. "Por causa do salário mínimo dos trabalhadores, que eu gostaria de discutir, tratar e fixar", explica.

**1º de abril** — A persistência da infecção na parede abdominal preocupa os médicos. Tancredo volta a ter febre, acompanhada de alterações respiratórias e cardíacas. No Instituto do Coração, comenta-se que tudo depende da reação do organismo.

**2 de abril** — Desmentida pela manhã, a quarta cirurgia em Tancredo é anunciada à tarde. O objetivo é drenar um abscesso que se formou no lado esquerdo do abdome, por baixo de uma



Pinotti (E), ao lado de Pinheiro da Rocha, previu alta logo

Arquivo — 5/4/85



Brito, porta-voz no hospital

hérnia que acompanha Tancredo há 30 anos. Às 21h45min, três horas depois da cirurgia, diz à freira Esther, sua irmã: "Eu vou ganhar esta parada".

**3 de abril** — A febre desaparece e a taxa de leucócitos mostra o recuo da infecção. "Se precisar de mais três operações, vamos fazer", diz um Tancredo determinado a vencer a doença. Os médicos, entretanto, chamam os parentes e advertem que há possibilidade de recrudescimento da infecção.

**4 de abril** — Após a quinta cirurgia a que foi submetido, para retirar abscessos, Tancredo soma 22 horas e 40 minutos de permanência na sala de operações. Perde entre 30% e 40% de sua capacidade pulmonar, mas os médicos dizem que o problema nunca foi com os pulmões. Desengana-se várias vezes durante o dia, apresenta sinais de recuperação à noite.

**5 de abril** — Melhora o estado geral. Tancredo, impedido de falar por causa do tubo orotraqueal, escreve bilhetes, pedindo uma oração, e um rádio. A ultra-sonografia não registra novos focos, a infecção pulmonar regride e a temperatura não passa de 36,5°. O médico da família de Tancredo há 30 anos, Francisco Diomedes Garcia de Lima, diz que o Presidente tem "chances longínquas de se recuperar, havendo risco de septicemia".

**6 de abril** — O estado do Presidente é delicado. Agora a preocupação dos médicos concentra-se nos pulmões. A tomografia computadorizada feita pela manhã revela aumento na

inflamação, reduzindo em cerca de 50% a capacidade respiratória de Tancredo. O quadro, de edema intersticial, vulgarmente conhecido como "pulmão d'água", decorre do processo infeccioso. O Presidente respira sem ajuda do ventilômetro, apesar da redução da capacidade de seus pulmões.

**7 de abril** — O Presidente tem melhora surpreendente, mas os médicos ainda consideram a situação grave. A inflamação nos pulmões regride: no direito está praticamente debelada, mas a capacidade do esquerdo está reduzida em 40%. Com a regressão da infecção pulmonar, os médicos interrompem o uso de diuréticos, continuam a evitar os líquidos e decidem manter o tubo orotraqueal, apesar de Tancredo depender cada vez menos da respiração assistida. Uma única manifestação de febre é constatada à zero hora, com o registro de 37,7°. O Presidente já senta.

**8 de abril** — A ultra-sonografia realizada no dia anterior não registrou mais as duas manchas nos pulmões do Presidente, visíveis no sábado. A regressão da inflamação pulmonar é registrada na chapa de raios X: o pulmão direito recupera 90% de sua capacidade; o esquerdo continua com 40% comprometidos. No início da madrugada, do dia 9, febre de 38°. O Presidente, com quatro focos infecciosos — um na região pulmonar e três na região abdominal — é submetido a tratamento intensivo com a aplicação de quatro antibióticos, um deles a tianamicina, trazida dos Estados Unidos. Segurando as mãos do neto Aécio, Tancredo diz: "Eu não merecia isto."

**9 de abril** — Uma traqueostomia, decidida pela manhã, submeteu o combatido organismo a uma nova incisão, de cerca de 4 centímetros, no sentido horizontal da garganta. No auge de nova crise pós-operatória, o paciente experimenta violenta queda de temperatura (35 graus). Bastante elevadas, as taxas de uréia e creatinina no sangue evidenciam uma novidade para os médicos: ameaça de comprometimento dos rins. Após a traqueostomia, o paciente apresenta quadro alarmante: 160 batimentos cardíacos (o normal seria de 80 a 90); 15 por 9 de pressão arterial (Tancredo apresentava comumente 13 por 8). O paciente chega a apresentar um quadro de choque, o que obriga os médicos a aplicarem, além de medicamentos, massagens reanimadoras e choque elétrico.

**10 de abril** — O edema intersticial amplia-se e a permanência do quadro de bacteriemia, que indica a existência de novos focos de infecção, torna crítico o estado de Tancredo. Batimentos cardíacos permanecem em torno de 110 por minuto. Frequência respiratória estabiliza-se em 30 por minuto (normal é 20 a 22). Nível de oxigenação do organismo cai pela metade. Durante a madrugada, recebe transfusão de sangue.

**11 de abril** — Às 19h, exame de cintilografia revela abscesso no tecido que envolve os rins; às 22h50min, Tancredo entra pela sétima vez na sala de cirurgia. Os cinco especialistas que o operaram

não fazem nenhuma previsão quanto às possibilidades de sobrevivência. Duas crises de bacteriemia são detectadas pelos aparelhos, mas superadas. Os leucócitos chegam a 21 mil 500 (normal: 8 mil a 10 mil).

**12 de abril** — Manter o Presidente vivo pelas próximas 48 ou 72 horas poderá garantir-lhe sobrevida — pensam os médicos. Mas ele piora a cada dia. Uma máquina de ultrafiltração tenta eliminar o líquido acumulado nos pulmões e um rim artificial funciona retirando sais, uréia e toxinas do sangue. O pulmão perde capacidade, os batimentos cardíacos estão altos.

**13 de abril** — Oito aparelhos mantêm Tancredo vivo. Repetem-se a ultrafiltração e a diálise. No entanto, com 20 quilos a menos do que quando foi internado em Brasília, o Presidente já não reage e um assessor da Presidência admite que ele "não tem a menor possibilidade de sobrevivência se os aparelhos forem desligados". Tancredo mantém atividade cerebral.

**14 de abril** — O coração de Tancredo agüenta os contratempos provocados pelas crises seguidas de bacteriemia e pela falência dos rins e pulmões. Os médicos admitem que seu estado é irreversível e já falam que só um milagre poderá salvá-lo. Depois de fazer varredura de exames no paciente, eles concluem que não há mais soluções cirúrgicas a tentar.

**15 de abril** — Com uma brusca mudança na conduta médica — baixar a temperatura do corpo para 35 graus —, consegue-se elevar um pouco as expectativas de sobrevivência do Presidente da República. A decisão destina-se a conter a expansão das bactérias, facilitando também a oxigenação do sangue. Há uma ligeira melhora nas condições gerais.

**16 de abril** — Sedado há quatro dias, com um tubo na traquéia, Tancredo não emite uma palavra há quase duas semanas, está inchado por causa do acúmulo de líquidos e tem manchas no rosto e em todo o corpo. A debilitação geral de seu organismo leva os médicos a lhe aplicarem gamaglobulina e linfócitos, numa tentativa de reforçar suas defesas imunológicas. O Presidente também toma dolantina, um sucedâneo da morfina.

**17 de abril** — Reviravolta nos diagnósticos da doença do Presidente Tancredo Neves: o chefe da equipe médica, Henrique Pinotti, contradiz a versão de que seu paciente tenha sido operado de diverticulite. Segundo ele, houve "complicação aguda de afecção do intestino delgado". Afirma, porém, que, embora o quadro inspire cuidados prolongados, "há perspectiva de vida".

**18 de abril** — Tancredo sofre duas graves crises, uma de madrugada e outra no início da tarde, com o comprometimento irremediável dos órgãos vitais (pulmões, rins e coração). Os médicos baixam a temperatura do organismo para 34 graus e o superintendente do Hospital das Clínicas declara: "Não há o que fazer. É questão de horas". A rádio Eldorado, de São Paulo, noticia a morte, às 18h30min, mas desmente uma hora e meia depois.

**19 de abril** — A temperatura é baixada para 33 graus para diminuir suas necessidades metabólicas. O perigo de uma crise ronda o coração, mas a preocupação maior dos médicos é com os pulmões. Henrique Pinotti convida o especialista norte-americano Warren Zapol, que trabalha com doenças pulmonares em Boston, para examinar o Presidente.

**20 de abril** — Dr Zapol chega de manhã a São Paulo, examina o Presidente durante 40 minutos e conclui: "Não há retorno". Mesmo assim, ele manda reduzir a temperatura do corpo de Tancredo para 31 graus. Nos pulmões continuam as maiores dificuldades e é aumentada a pressão da máquina de oxigenação artificial. Os médicos recorrem a um novo medicamento norte-americano, a Dihidroxi-prolina, para tentar evitar o endurecimento das paredes dos pulmões.